



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS AO MULTILINGUISMO E À SOCIEDADE
DA INFORMAÇÃO

ANA LUÍSA NEIVA DA NATIVIDADE

**A INFLUÊNCIA DO MULTILINGUISMO NA COOPERAÇÃO ACADÊMICA
INTERNACIONAL**

Um estudo de caso sobre a internacionalização da UnB

Brasília
2023

Ana Luísa Neiva da Natividade

**A INFLUÊNCIA DO MULTILINGUISMO NA COOPERAÇÃO ACADÊMICA
INTERNACIONAL**

Um estudo de caso sobre a internacionalização da UnB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção de grau no curso de bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Virgílio Pereira de Almeida

Ana Luísa Neiva da Natividade

**A INFLUÊNCIA DO MULTILINGUISMO NA COOPERAÇÃO ACADÊMICA
INTERNACIONAL**

Um estudo de caso sobre a internacionalização da UnB

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à comissão examinadora identificada abaixo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação.

Prof. Dr. Virgílio Pereira de Almeida
Secretário de Assuntos Internacionais da UnB
(Orientador)

Prof. Dr. Rita de Cassia Barbosa Louback
Assessora de Relações Internacionais da PUC Minas
(Examinadora)

Prof. Dr. Cesário Alvim Pereira Filho
Professor do Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas – LEA-MSI, LET/UnB
(Examinador)

*Dedico este trabalho ao meu tão estimado tio Pedro,
por ter sempre me incentivado a estudar línguas. Sem
você, nada disso seria possível.*

Agradecimentos

Ao meu orientador, professor Virgílio, por apoiar a minha ideia e solucionar as minhas angústias, mesmo com uma agenda de trabalho tão atarefada.

À minha família, em especial minha querida mãe, Rose, que segurou minha mão desde o primeiro dia de aula na faculdade. Ao meu pai, Estanislau, que me ensinou a lutar pelos meus sonhos e me deu todo o suporte para viver o melhor período da minha vida: meu intercâmbio na Espanha.

Ao meu tio, Pedro, por ter sempre me inspirado a ser uma estudante melhor, desde o primeiro filme em inglês até o dia em que disse que eu deveria seguir carreira na área de línguas. Às minhas tias Ione e Suze, por sempre estarem disponíveis para me escutar e me entender nos momentos difíceis. Aos meus avós, Alzira e Luiz, que me acolheram desde o meu nascimento. Por fim, aos meus irmãos, Álvaro e Pedro, por serem o melhor presente que a vida poderia me dar.

À Júlia, minha sólida companheira desde o primeiro semestre do curso, te agradeço imensamente por ter caminhado essa jornada comigo. À Tainara, o destino é tão lindo que nos encontramos quando mais precisávamos. Agradeço por todas as palavras de calma e tranquilidade proporcionadas nesse final de curso. Obrigada por não terem soltado a minha mão.

À toda a minha equipe de trabalho na OTCA, que acreditou em mim desde o meu estágio obrigatório na Organização. Ao meu chefe, estimado Embaixador Carlos Lazary, que confiou em mim desde o primeiro contato. Que me deu todo o apoio para conseguir trabalhar e terminar a faculdade ao mesmo tempo. Que me escutou e entendeu minhas angústias. Que me deu artigos para ler e me inspirar. Que me ensinou e me ensina tanto. Serei sempre extremamente grata por ter vivenciado este período com uma personalidade tão sábia e ímpar como ele.

Às queridas Camyla, Priscilla e Érica. Foram infinitos os momentos em que me seguraram para não cair. Em que me ouviram. Em que acreditaram em mim quando eu já não acreditava mais.

Finalmente, à banca que aceitou estar presente nesse momento tão importante da minha carreira acadêmica. Ao professor Cesário, pelas aulas tão ricas e por toda a assistência proporcionada em minha trajetória. À professora Rita, por ser uma verdadeira inspiração para este trabalho. Obrigada por aceitarem participar do encerramento dessa fase.

O idioma é a forza que nos xungue e sostén. Se perdemos a fala non seremos ninguém. O idioma é o amor, o latexo, a verdade, a fonte da que agroma a máis forte irmandade. Renunciar ao idioma é ser mudo e morrer. Precisamos a lingua se queremos vencer.

(Manuel María)

RESUMO

Este estudo teve o objetivo de investigar a influência do multilinguismo na cooperação acadêmica internacional, através de um estudo de caso sobre a internacionalização da Universidade de Brasília (UnB). Por meio de um questionário respondido por intercambistas estrangeiros da UnB, buscamos encontrar pistas a respeito de como a experiência afetou a proficiência de língua portuguesa dos estudantes. Apesar do reduzido número de respondentes, pudemos observar que a experiência dos intercambistas foi importante para a divulgação do português como segunda língua, que se tornou, para a maioria dos respondentes, uma língua de domínio.

Palavras-chave: Multilinguismo. Cooperação Acadêmica Internacional. Internacionalização. Intercâmbio.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the influence of multilingualism on international academic cooperation, through a case study on the internationalization of the University of Brasilia (UnB). Through a questionnaire answered by foreign exchange students from UnB, we sought clues about how the experience affected the students' Portuguese language proficiency. Despite the small number of respondents, we could observe that the exchange students' experience was important for the dissemination of Portuguese as a second language, which became, for most respondents, a language of mastery.

Keywords: Multilingualism. International Academic Cooperation. Internationalization. Exchange.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo investigar la influencia del multilingüismo en la cooperación académica internacional, a través de un estudio de caso sobre la internacionalización de la Universidad de Brasilia (UnB). A través de un cuestionario respondido por estudiantes extranjeros de intercambio de la UnB, buscamos indicios sobre cómo la experiencia afectó al dominio de la lengua portuguesa de los estudiantes. A pesar del reducido número de encuestados, pudimos observar que la experiencia de los estudiantes de intercambio fue importante para la difusión del portugués como segunda lengua, que se convirtió, para la mayoría de los encuestados, en una lengua de dominio.

Palabras clave: Multilingüismo. Cooperación Académica Internacional. Internacionalización. Intercambio.

RÉSUMÉ

Cette étude a pour but d'examiner l'influence du multilinguisme sur la coopération universitaire internationale, à travers une étude de cas sur l'internationalisation de l'Université de Brasilia (UnB). Par le biais d'un questionnaire auquel ont répondu les étudiants étrangers en échange à l'UnB, nous avons cherché des indices sur la façon dont l'expérience a affecté les compétences linguistiques des étudiants en portugais. Malgré le petit nombre de répondants, nous avons pu observer que l'expérience des étudiants en échange a été importante pour la diffusion du portugais comme deuxième langue, qui est devenu, pour la plupart des répondants, une langue de maîtrise.

Mots-clés : Multilinguisme. Coopération académique internationale. Internationalisation. Échange.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Faixa etária dos estudantes	26
Gráfico 02 - Período anual de início do intercâmbio	27
Gráfico 03 - Língua materna dos estudantes	27
Gráfico 04 – Cursos dos estudantes	28
Gráfico 05 – Países de origem dos estudantes	29
Gráfico 06 – Dificuldade de aprendizado do português brasileiro	29
Gráfico 07 – Contato com o português antes do intercâmbio	31
Gráfico 08 - Utilização de ferramentas para auxílio de aprendizado da língua portuguesa	32
Gráfico 09 – Ferramentas utilizadas	32
Gráfico 10 – Ajuda de ferramentas na adaptação ao idioma	34
Gráfico 11 – Lusofonia e escolha pelo Brasil como país de intercâmbio	34
Gráfico 12 – Dificuldade com o português no início do intercâmbio	35
Gráfico 13 – Fluência em línguas estrangeiras	36
Gráfico 14 - Influência positiva de um ambiente multilíngue	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. INFLUÊNCIA DA LÍNGUA NA COOPERAÇÃO ACADÊMICA INTERNACIONAL	14
1.1 O papel do multilinguismo na cooperação internacional do meio acadêmico	14
2. A INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	20
2.1 Contextualização histórica	20
2.2 Internacionalização	21
3. METODOLOGIA	23
3.1 Consulta ao público-alvo através de formulário online	24
3.2 O desafio da língua portuguesa para os estudantes estrangeiros	25
3.2.1 As perguntas do formulário	25
3.2.1 Dados e análise	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização das Nações Unidas, grande expoente da cooperação internacional, a diversidade linguística e o multilinguismo são essenciais para o desenvolvimento do planeta. Essa diversidade está cada vez mais ameaçada à medida que mais e mais línguas desaparecem.

Desta forma, em 2007, a Assembleia Geral das Nações Unidas, por resolução, conclamou os países membros a defenderem a preservação e proteção de todas as línguas usadas pelos povos do mundo, visando promover a unidade na diversidade e compreensão internacional, através do multilinguismo e multiculturalismo.

Sendo assim, os países foram instigados a trabalhar em conjunto para gerar a promoção das ferramentas multilíngues e multiculturais, tendo em vista que os processos de globalização ameaçam a existência de diversos idiomas. Segundo a UNESCO, ao menos 43% das línguas faladas no mundo estão em situação de extinção.

Igualmente, a UNESCO relatou que menos de 100 (cem) idiomas são usados no mundo digital e a cada duas semanas uma língua desaparece, levando consigo toda uma herança cultural e intelectual. Em geral, 40% da população não tem acesso à educação em um dialeto que fala ou entende. Por isso, tornou-se essencial encontrar uma alternativa que pudesse impedir o desaparecimento de culturas inteiras. Essa alternativa foi a propagação do multilinguismo.

A importância do multilinguismo também é um fator vivo nos mecanismos de cooperação internacional. Desde a Declaração de Bolonha, os Estados entenderam que o multilinguismo era um objeto de valor para a propagação de conhecimento social, linguístico e cultural entre diferentes nações, igualmente no âmbito acadêmico.

Buscando correlacionar as Relações Internacionais e as Línguas Estrangeiras Aplicadas, duas áreas intrinsicamente ligadas, este estudo visou contextualizar a cooperação acadêmica internacional e o multilinguismo em um mesmo cenário. Objetivou-se, também, compreender a experiência dos intercambistas estrangeiros na Universidade de Brasília (UnB), tendo como fator principal de análise o multilinguismo como catalisador da internacionalização da Universidade. Buscou-se detectar como se fazia a relação dos intercambistas com a língua portuguesa antes, durante e depois do intercâmbio, primeiramente entendendo o quanto a língua teria gerado o interesse do estudante pelo Brasil e, posteriormente, como se qualificava a efetividade da incorporação do português na vida dos intercambistas como mais uma língua estrangeira (multilinguismo).

Utilizou-se o estudo de caso como metodologia do estudo, visto que se fez possível a investigação de um fenômeno contemporâneo em profundidade e dentro de seu contexto na vida real. Esse estudo de caso, tem, portanto, o potencial de contribuir com valiosas percepções para a estrutura teórica existente, sem generalizar ou enviesar a pesquisa.

Esta obra está dividida em três capítulos. No primeiro, realizamos a conceitualização de cooperação internacional, internacionalização universitária e do multilinguismo como fator influenciador de ambas, termos fundamentais para o seguimento da pesquisa. Também foi efetivada uma contextualização substancial da internacionalização da UnB, considerando o mapeamento do Plano de Internacionalização da UnB 2018-2022, sobretudo os tópicos “1.2.4 Ensino de idiomas” e “2.2 Política de comunicação: ampla, dinâmica e multilíngue”.

No segundo capítulo, apresentam-se a metodologia, bem como as perguntas e resultados do formulário aplicado para os intercambistas. Foi analisado o desafio da língua portuguesa para os estudantes estrangeiros, introduzindo o ambiente multilíngue como instrumento de promoção à diminuição das fronteiras culturais, tecnológicas e sociais, bem como da internacionalização em si.

De mesmo modo, foram avaliadas as sugestões dos próprios intercambistas a favor da promoção do multilinguismo no ambiente universitário, considerando aspectos sociais e linguísticos em suas inserções na cultura brasileira.

Por fim, o último capítulo faz uma concisa conclusão do estudo, retomando os resultados obtidos e finalizando o objeto de assunto. Foram consideradas ponderações sobre o conhecimento científico no âmbito das Línguas Estrangeiras Aplicadas no que concerne ao relacionamento do multilinguismo com a cooperação internacional, bem como a contribuição deste trabalho acadêmico para uma maior compreensão de tais fenômenos e efeitos.

Na próxima seção, apresentaremos o tema da pesquisa dentro de um contexto específico de conceitualização.

1. A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA NA COOPERAÇÃO ACADÊMICA INTERNACIONAL

1.1 O papel do multilinguismo na cooperação internacional no meio acadêmico

Os mecanismos de cooperação internacional se intensificaram após o final dos conflitos que resultaram nas duas grandes guerras mundiais. As nações decidiram agir em conjunto para garantir a paz, unidade e colaboração em questões sociopolíticas. A mudança geopolítica foi atingida no início do século XX, quando os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial tiveram consequências quase instantâneas em diversas partes do mundo. Gorman (2007) declara que as colisões marcadas antes e depois da guerra se destacam no desenvolvimento da cooperação internacional:

A guerra ocupa uma posição central na história da cooperação internacional. Foi causada em parte pelos padrões de integração internacional anteriores à guerra; os protagonistas desenvolveram novas formas de cooperação internacional durante a própria guerra; o acordo de paz pós-guerra estabeleceu um novo quadro internacional de cooperação internacional formal e informal; e uma vasta gama de movimentos transnacionais, ONGs, e campanhas internacionais de voluntariado formadas ou expandidas após a guerra com o objetivo de fomentar uma maior cooperação internacional como meio de prevenir futuros conflitos globais (GORMAN, 2017).

Sato (2010), em seu estudo sobre a cooperação internacional, diz que a perpetuação da globalização pós-guerra foi um dos fatores responsáveis pelas mudanças na ordem internacional:

A disseminação da industrialização e da modernidade para dezenas de países que passaram a integrar uma sociedade verdadeiramente globalizada, fez com que uma das dimensões marcantes nas relações internacionais desde a Segunda Guerra Mundial fosse a expansão da cooperação internacional como prática institucionalizada pelos governos. Sejam sociedades ricas e poderosas ou nações pobres e de pouca expressão nos foros internacionais, seus governos passaram a integrar uma intrincada rede de instituições voltadas para a prática do que, genericamente, passou a ser denominada “cooperação internacional” (SATO, 2010).

Já para Louback (2016), ancorada na visão do liberalismo em Relações Internacionais, a cooperação internacional é vista como uma prática justificada, dentre outras razões, pela necessidade que os Estados têm de sobreviver.

No que concerne ao Brasil, a cooperação internacional fundamenta-se no inciso XI do artigo 4º da Constituição da República Federativa, que define que nossa República “rege-se nas suas relações internacionais (...) [pela] cooperação entre os povos para o progresso da humanidade” (Constituição da República Federativa do Brasil de 1988)

A Agência Brasileira de Cooperação (ABC) indica que o início das atividades de cooperação técnica internacional, ou seja, de assistência baseada na transferência, em caráter não comercial, de técnicas e conhecimentos, mediante a execução de projetos a serem desenvolvidos em conjunto entre atores de nível desigual de desenvolvimento, advém do final da Segunda Guerra Mundial, na conferência de Bretton Woods, que se realizou em 1944, quando foram criados o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Em uma análise sobre o histórico da cooperação técnica brasileira, a ABC definiu que a estruturação das primeiras atividades de cooperação internacional, seja ela técnica, científica ou tecnológica, foram encorajadas pela ONU, considerando a necessidade de reconstruir países afetados por conflitos e acelerar o desenvolvimento dos países menos industrializados (ABC, Histórico da Cooperação Técnica Brasileira, s.a.).

Nesse contexto, a cooperação internacional passou a ser difundida nos mais diversos âmbitos: desde o comércio e as finanças até as questões de segurança, meio-ambiente, educação e saúde. Dentro dos mecanismos da cooperação internacional, está a cooperação acadêmica internacional, descrita por Sebastian (2004) como

um conjunto de atividades realizadas entre instituições universitárias de diferentes países, que através de múltiplas modalidades, implica uma associação e colaboração em temas de política e gestão institucional. Em outras palavras, as múltiplas modalidades podem ser entendidas como atividades de formação e pesquisa que estejam vinculadas ao fortalecimento mútuo das instituições com perspectivas a projeção institucional das mesmas

além da melhoria da qualidade da docência; o aumento da mobilidade estudantil e a transferência do conhecimento científico tecnológico. (SEBÁSTIAN, 2004, p 61).

Cada vez mais compreendida como parte integrante do cenário acadêmico, a internacionalização do ensino superior como tema deste início de milênio é uma realidade inequívoca, apresentando presença crescente em planejamentos estratégicos institucionais, políticas nacionais, proclamações de organismos internacionais e em inúmeros artigos, eventos e publicações científicas ao redor do mundo. Isso deve-se ao fato de que, em uma sociedade do conhecimento, a ciência e a tecnologia são um importante arsenal na luta pelo poder e liderança, segundo Louback (2016).

A transferência de conhecimento científico e tecnológico passou a ser um importante objetivo das instituições acadêmicas, encaminhado por meio de programas como os de mobilidade e intercâmbio de alunos e professores, colaborações científicas e assistência para o progresso. No caso do governo brasileiro, a busca pela maior qualidade acadêmica resultou em parcerias de cooperação com os principais países desenvolvidos. O ensino superior tornou-se uma forma de acessar o desenvolvimento, permitindo que governos e organizações internacionais fossem capazes de formular novas diretrizes nacionais e internacionais para responder a essa transição. Seu resultado foi o investimento aplicado em estratégias de internacionalização das universidades, significativamente através da cooperação acadêmica internacional.

Entretanto, uma eficiente cooperação acadêmica internacional apresenta inúmeros desafios a serem transpostos. Talvez o mais evidente seja o desafio linguístico. Naturalmente, o multilinguismo é fator primordial na internacionalização das universidades por meio da cooperação internacional. A definição de multilinguismo é variada e depende de conceitos-irmãos, como o ‘bilinguismo’ e o ‘plurilinguismo’.

Segundo a página web *Multilingualism*, quando se trata de comunicação e publicação, o inglês está na vanguarda dos idiomas do mundo. É falado por 508 milhões de pessoas (esse número inclui aqueles que usam o inglês como segunda língua), mas isso é menos de 8% da população mundial. Mais de 92% das pessoas não dominam o inglês; portanto, qualquer texto produzido ou publicado nesse idioma não tem valor para elas. O site, criado em defesa ao multilinguismo, explicita a significância da comunicação multilíngue principalmente para o aumento do número de alcance de pessoas,

Para Tucker (1999), o multilinguismo se caracteriza pelo uso de mais de um idioma, seja individual ou comunitariamente, de forma cotidiana. Ainda que menos de 25% dos países reconheçam duas ou mais línguas oficiais, o número de falantes multilíngues ainda supera os monolíngues globalmente. Isso se deve ao fato de que existem mais crianças sendo educadas em uma segunda língua do que exclusivamente na língua nativa. Em diversas partes do mundo, o multilinguismo foi intensificado no âmbito da educação, o que realça o fator da promoção de mais de um idioma no dia a dia de uma comunidade.

Dicionários separam a definição de multilinguismo em dois segmentos. Do ponto de vista da sociolinguística, multilinguismo se define como a existência de dois ou mais sistemas linguísticos em uma comunidade. Já na ótica da linguística, o conceito envolve o domínio de duas ou mais línguas pelo mesmo falante. Seu equivalente, ou seja, seu sinônimo, seria o plurilinguismo.

Multilíngue também pode indicar um indivíduo ou grupo capaz de utilizar mais de duas línguas diferentes, de forma escrita ou falada, para se comunicar. Dentro dessa conceitualização, a fluência e o domínio das línguas não são condicionantes para a caracterização de um sujeito multilíngue, assim como a frequência utilizada dos idiomas deixa de ser essencial para sua adjetivação.

A Real Academia Española (RAE) define multilinguismo mediante um viés político-linguístico, com enfoque na territorialidade. A instituição considera como multilinguismo a coexistência de várias línguas em um país ou território. Tal fator deve-se ao multilinguismo estar presente nas regiões espanholas, institucionalizado mediante o Artigo 3 da Constituição Espanhola de 1978, onde se lê que “a riqueza das diferentes modalidades linguísticas da Espanha é um patrimônio cultural que deve ser objeto de especial respeito e proteção”.

Naturalmente, a questão de como definir bilinguismo, multilinguismo e plurilinguismo tem preocupado pesquisadores por muito tempo. Mais recentemente, de acordo com a *Linguistic Society of America*, os pesquisadores que estudam comunidades bilíngues e multilíngues ao redor do mundo defenderam uma definição ampla que vê o multilinguismo como uma condição humana comum que torna possível que um indivíduo funcione, em algum nível, em mais de um idioma. Sendo assim, um indivíduo multilíngue não é necessariamente um indivíduo com competência nativa em dois idiomas, mas um indivíduo capaz de demonstrar alguma competência nos diversos níveis de entendimento de mais de uma língua.

Já enquanto fenômeno social, o multilinguismo tem sido difundido globalmente e tornou-se um elemento chave de ensino em diversos continentes. Com o objetivo de elevar a

competitividade internacional do sistema europeu de ensino superior, a Declaração de Bolonha, assinada em 1999, promoveu o multilinguismo como prioridade para a educação europeia. Tal declaração prevê a difusão multicultural e científica sobre os países, a ser fortalecida também pelo fomento ao multilinguismo.

Comprometemo-nos, por este meio, a alcançar estes objetivos – no quadro das nossas competências institucionais, guardando um completo respeito pela diversidade de culturas, línguas, sistemas nacionais de educação e da autonomia universitária - para consolidar o espaço europeu do Ensino Superior. Com esse fim, prosseguiremos o rumo da cooperação intergovernamental, em conjunto com o das organizações europeias não governamentais com competência no Ensino Superior. (Declaração de Bolonha, 1999)

A mencionada declaração conjunta, implementada pelos ministros da Educação europeus, também incentiva as práticas de cooperação internacional, buscando criar um ambiente mais abrangente, em especial no que diz respeito à construção e ao reforço das dimensões intelectual, cultural, social, científica e tecnológica. O documento reforça que “o valor tanto da educação como da cooperação no desenvolvimento e no reforço de sociedades estáveis, pacíficas e democráticas é universalmente reconhecido como da maior importância” (Declaração de Bolonha, 1999).

Tal reconhecimento, legitimado inicialmente por vinte e nove países europeus, aborda a língua não só como uma prática cultural, mas também de internacionalização. Como demonstração de sua aprovação e adesão, atualmente, quarenta e seis países são signatários do documento. Bianchetti ressalta a abrangência da Declaração de Bolonha. Segundo o autor, uma leitura ainda que superficial do documento

remete a questões de cunho educacional e que têm a ver com a universidade, com reformulações do Ensino Superior na UE. Uma leitura mais atenta, no entanto, e a pesquisa em documentos que a precederam e sucederam, evidenciam que o “processo” não se restringe à universidade e o seu alcance, como parte de uma política (extra)educacional, não se conforma à universidade e muito menos às fronteiras da UE. A internacionalização ou o seu resgate é a meta. (BIANCHETTI, 2015)

Bianchetti (2015) ainda considera que a agenda globalmente estruturada para a educação, inicialmente reconhecida pela assinatura da Magna Charta Universitatum e continuada pela Declaração, deveria servir como inspiração para as universidades brasileiras. Afirma que o seu teor consagra as conquistas históricas da universidade, sua autonomia, sua condição de guardiã e dinamizadora do saber, sempre respeitando as características e

peculiaridades de um continente com tantos e tão diversos países, com suas etnias e com tantos grupos culturalmente diferenciados.

Esta característica intrínseca da Europa encontra paralelo em nosso país. Por mais que o Brasil só reconhecesse, até bem pouco tempo, apenas uma língua oficial, há de se considerar o multilinguismo que prepondera em todo o seu território. Desde os primórdios, as línguas de povos dominados são apagadas em prol da língua de conquista. Segundo Lagares, todo o Estado acaba agindo de forma intervencionista, impondo uma ‘língua oficial’. O professor ressalta que a língua nacional acaba sendo sempre “a língua do grupo social dominante, produto da hegemonia que ele exerce em todo o território do Estado” (CHAVES, 2015). O autor também reconhece que o multilinguismo é um fator incontestável na sociedade brasileira, por mais que apenas uma pequena porcentagem do país conviva com mais de uma língua em seu cotidiano.

O mito do Brasil monolíngue, que está tão vivo em nossa sociedade, responde só em parte à realidade. Com efeito, a experiência da diversidade linguística é pequena no país, apesar do alto número de línguas que são faladas em seu território, pois só uma parcela muito pequena da população convive com situações de contato bi ou plurilíngue. As políticas de reconhecimento dessas realidades são poucas e também locais, de maneira que a maioria das línguas de imigração e indígenas não contam com proteção oficial e os seus falantes não dispõem de garantias para o seu uso em todos os âmbitos que desejarem. (CHAVES, 2015)

Lagares ainda defende que línguas estrangeiras no sistema educacional brasileiro devem ser parte da educação linguística dos estudantes, como meio para propiciar a sua relação com a diversidade linguística do mundo, além de fazê-los refletir sobre sua própria língua.

A importância da formação em língua estrangeira é explicitamente reconhecida na legislação federal. Devido à sua posição geopolítica, e também cioso da necessidade de fortalecer seus laços com a Espanha, o Brasil promulgou a lei 11.161/2005, que determinou a oferta do ensino da língua espanhola como obrigatório para os currículos de ensino médio. Os sistemas públicos de ensino também deveriam implantar centros de ensino de língua estrangeira, cuja programação incluiria, necessariamente, a oferta de espanhol.

Em 2021, foi aprovado em primeira votação em Plenário, a lei nº 6130/19, que obriga o ensino de, pelo menos, duas línguas modernas – inglês e espanhol – para os ensinos fundamental e médio, nas instituições públicas e privadas, bem como de outras línguas estrangeiras, em caráter optativo. A justificativa é que o Brasil faz fronteira com sete países hispano-falantes, contexto geográfico que contribuiu para que os países sul-americanos compartilhassem traços de identidade e elementos culturais.

O autor da proposta, Deputado Cruvinel, defende que a

opção pela obrigatoriedade de oferta da língua inglesa se justifica pela inegável relevância do conhecimento desse idioma em nível de comunicação mundial. Por outro lado, a oferta de espanhol se justifica por diversas razões de ordem histórica, sociocultural, política e econômica” (CRUVINEL, 2021)

Esta justificativa evidencia que são fatores econômicos que balizam o ordenamento legislativo acerca da inclusão de idiomas estrangeiros na grade curricular do estudante brasileiro. O que o Estado parece querer garantir é que o egresso do sistema de ensino no país esteja apto para contribuir com o desenvolvimento da nação em um mundo cada vez mais globalizado/internacionalizado.

2. A INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

2.1 Contextualização histórica

Fundada em 21 de abril de 1962, apenas dois anos após a construção de Brasília, a Universidade de Brasília (UnB), foi concebida como um novo modelo brasileiro de ensino superior, em contraste com o modelo tradicional que se consolidou na década de 1930.

Porém, foi apenas em 1987 que se criou o Centro de Apoio a Intercâmbio e Programas Internacionais (CIP), cujo intuito era incluir programas que permitissem a troca de experiências culturais e o desenvolvimento de línguas estrangeiras. Em 1997 a CIP se converteu na Assessoria de Assuntos Internacionais (INT), adotando um nome mais apropriado para as políticas e os interesses da universidade em termos de implementação de novos acordos de cooperação técnica, científica e cultural com instituições internacionais.

Mais de 20 anos após se tornar uma Assessoria, a INT foi alçada ao nível de Secretaria de Assuntos Internacionais e atua juntamente com os decanatos e unidades acadêmicas para viabilizar a execução do Plano de Internacionalização da Universidade de Brasília, aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, conforme ato da reitoria nº 0548/2020. Segundo o Plano de Internacionalização, a INT também é responsável pela formalização de acordos internacionais de cooperação educacional, científica, tecnológica e/ou cultural de acordo com as normas legais brasileiras. Na maioria das vezes, esses acordos são iniciativas relativamente autônomas por parte do corpo docente, em diálogo com várias instituições internacionais de ensino superior. A celebração de acordos de cooperação gera efeitos de universalização como troca mútua de conhecimentos, caráter complementar de pesquisas acadêmicas e atividades de formação.

Segundo o QS World University Rankings, em 2023, a UnB foi considerada a 13ª melhor universidade do Brasil e ocupou o 28º lugar entre as melhores da América Latina. A pesquisa demonstra também que, devido ao fator territorial e à sua localidade, a UnB possui uma posição privilegiada para sua internacionalização, estando comprometida com a excelência da produção do conhecimento e a agenda internacional do Brasil. No critério de internacionalização deste levantamento, a UnB ocupa a 7ª posição no país. (QS Ranking, 2023).

Vilela (2018) também considera que as condições geográficas da universidade, próxima dos centros decisórios do poder nacional e das representações diplomáticas, dos organismos internacionais e das agências de fomento, influenciaram a UnB a se tornar um importante centro acadêmico internacional da região. O autor afirma ainda que o perfil favorável à internacionalização foi fortalecido nos últimos anos em função da crescente mobilidade acadêmica, do aumento do número de convênios e dos intercâmbios assinados pela instituição.

2.2 Internacionalização

A Universidade de Brasília implementou seu Plano de Internacionalização em 2018, com aprovação na 579ª reunião do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE). O documento identificou o panorama da Universidade, onde foram traçados objetivos, diretrizes e prazos a serem cumpridos até o ano de 2022.

De acordo com o website da INT, o Plano de Internacionalização (PI) 2018-2022 foi o primeiro documento da instituição sobre o assunto em 56 anos, demonstrando o anseio da UnB em mover-se diante de um programa conciso para a internacionalização.

Devido às movimentações para atingir um ambiente acadêmico internacionalizado, a UnB, através do PI, buscou encontrar estratégias para o acolhimento de intercambistas estrangeiros. O plano apresenta as diretrizes que devem nortear a política linguística, a mobilidade, a comunicação e a cooperação internacional para aprimorar as habilidades realizadas na universidade bem como desenvolver novas estratégias para a inserção da UnB em instituições de ensino internacionais.

Para efeitos deste trabalho, destacamos dois itens no Plano de Internacionalização da UnB que versam sobre o ensino de idiomas e sobre a política de comunicação, que deve ser ampla, dinâmica e multilíngue. O reconhecimento da importância do multilinguismo para a internacionalização *da e na* Universidade é característica que comprova a preocupação com uma visão mais moderna acerca do papel das línguas ditas dominantes no mundo acadêmico.

Para uma maior inserção do intercambista no ambiente acadêmico, o PI menciona que, atualmente, a UnB dispõe de uma política linguística consolidada, com base tanto no Programa Permanente de Extensão UnB Idiomas, conjugando iniciativas de difusão do português do Brasil e de ensino de outros 14 idiomas internacionais, quanto no Núcleo de Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros (NEPPE), visando promover o ensino e a pesquisa em português para falantes de outros idiomas, fortalecer a formação de professores para essa finalidade e afirmar-se como espaço fomentador de atividades internacionais, por meio do ensino e da promoção da língua portuguesa.

De acordo com o PI, o NEPPE atende mais de 1.300 alunos anualmente, oferecendo sistematicamente cursos de português do nível iniciante ao avançado. Esses cursos são oferecidos aos estudantes estrangeiros da UnB e também à comunidade internacional residente ou de passagem pelo Distrito Federal. Aproximadamente 450 profissionais diplomáticos de missões de diferentes países são apoiados pelo NEPPE.

Porém, considerado um fator desafiador à internacionalização da universidade para a transformação e melhoria do ensino superior, o multilinguismo é descrito no PI como uma competência a ser melhor aproveitada, visto que “a atração e permanência de um número crescente de estudantes internacionais na UnB depende de uma maior difusão do português, para os que chegam, e de idiomas internacionais entre estudantes, professores e servidores técnico-administrativos brasileiros, vinculados à instituição (Plano de Internacionalização, p. 21). O PI também cita que o reforço na difusão de línguas estrangeiras, em particular, entre estudantes, professores e servidores técnico-administrativos, é essencial para o pleno desenvolvimento do processo de internacionalização da UnB.

Ademais, a simetria na mobilidade discente também aparenta ser um dos desafios para a internacionalização da UnB. De acordo com o PI, os estudantes brasileiros têm mais interesse em ir para o exterior do que os estudantes internacionais em vir para o Brasil, também pela barreira do idioma, que dificulta o pleno cumprimento ao princípio da reciprocidade na implementação de acordos bilaterais de cooperação.

A questão do multilinguismo também é evidenciada pelo fato de a UnB abrigar uma Cátedra UNESCO Políticas Linguísticas para o Multilinguismo, que visa

desenvolver uma rede de instituições de pesquisadores que possam conjuntamente atuar em projetos de pesquisa e/ou desenvolvimento de políticas linguísticas, tendo como temas-chave: multilinguismo e internacionalização; multilinguismo e mediação cultural; multilinguismo, linguagem e educação; multilinguismo, tradução e acessibilidade;

multilinguismo, sustentabilidade e desenvolvimento; e multilinguismo e tecnologias de informação e comunicação” (PLANO DE INTERNACIONALIZAÇÃO, p. 26).

O documento que apresenta o plano para a internacionalização da UnB é bastante abrangente e as diretrizes ali contidas são caracteristicamente inclusivas, particularmente no que se refere a línguas.

Nas sessões seguintes, apresentaremos um diagnóstico da realidade dos nossos campi a partir de avaliações realizadas por intercambistas que passaram pela UnB nos últimos anos. Mais do que avaliar se os estudantes estrangeiros se beneficiaram ou não das políticas linguísticas da universidade, e para além de apresentar críticas ou louros, nossa pretensão é mostrar um cenário da perspectiva do estrangeiro em mobilidade acadêmica na UnB que sirva de inspiração ou motivação para realinhamento de políticas e incremento de ações para, cada vez mais, fortalecer a internacionalização em nossa universidade.

3. METODOLOGIA

Como pôde ser observado acima, o Plano de Internacionalização da UnB considera que uma política linguística baseada em modelos multilíngues que favoreçam o aprendizado e o uso de línguas estrangeiras será fundamental para propagar o multilinguismo na universidade. Por um lado, trata-se de promover o fluxo de idiomas que facilite o entendimento recíproco e que proporcione espaço para comunicação e difusão do conhecimento nas mais diversas línguas.

Dessa forma, foram estabelecidas medidas para o fortalecimento do multilinguismo na UnB, como a adoção de uma segunda língua de trabalho para estimular a internacionalização, o uso de línguas estrangeiras em sala de aula, a tradução das páginas web da UnB, a criação de uma lista de disciplinas ofertadas em língua estrangeira e, dentre outras alternativas, a concepção de revistas multilíngues que promovam a difusão de pesquisas realizadas com base em cooperação internacional.

Sendo assim, esta pesquisa utilizou o estudo de caso como metodologia para o seu desenvolvimento, a fim de observar como a linguagem é utilizada em um contexto específico vivenciado pelos alunos intercambistas da UnB. O levantamento de dados foi realizado através da pesquisa quantitativa por meio de formulário.

Para chegar à internacionalização, é crucial que as instituições de ensino superior passem pelo processo de cooperação acadêmica internacional, como a UnB vem realizando ao

longo das últimas décadas. Porém, além de fatores sociais e econômicos considerados pela cooperação, também é necessário analisar o quanto a língua em si influencia este processo.

Sendo assim, foram considerados aspectos da cooperação acadêmica internacional e da internacionalização da universidade, por meio de uma pesquisa com foco na influência que a língua possui no processo de intercâmbio. O objetivo foi entender qual foi o impacto da língua portuguesa na vida dos estudantes na UnB, considerando o grau de dificuldade com o idioma antes, durante e depois do período de estadia no país.

3.1 Consulta ao público-alvo através de formulário online

Buscando entender o pensamento e as necessidades do público-alvo, foi criado um formulário online através da plataforma Microsoft Forms. A plataforma foi escolhida devido a seus diversos recursos que permitem ao respondente ser levado a uma certa pergunta a partir da resposta dada a uma pergunta anterior, o que permitiu um maior refinamento das questões levantadas.

Os indivíduos colaboradores foram alunos estrangeiros que realizaram intercâmbio na UnB durante o período de 2016 a 2022. Foram enviadas 388 mensagens eletrônicas¹. Houve 54 respostas, o que corresponde a 14% do total. Dentre as respostas, recebemos um registro preenchido de um estudante brasileiro, que foi desconsiderado pela incoerência ao trabalho. De toda forma, ao levar-se em consideração o tempo disponibilizado para os colaboradores responderem o formulário – apenas 22 dias –, julgamos ter recebido um ótimo contingente de dados.

O formulário foi enviado no dia 04 de janeiro e ficou disponível até o dia 26 do mesmo mês. Seu objetivo era compreender a influência da língua na trajetória dos estudantes até a Universidade de Brasília. Foram considerados fatores influenciadores de antes, durante e depois do intercâmbio, como por exemplo a relação com a língua previamente ao período no país, a adaptação ao chegar em Brasília e a relação com a língua no momento de resposta ao formulário.

Optou-se por utilizar apenas a língua portuguesa como idioma do formulário, tendo em vista que os remetentes eram estudantes com experiência no país. Esse fator também

¹ Registro meu agradecimento à Secretaria de Assuntos Internacionais que encaminhou as mensagens eletrônicas, uma vez que por óbvias questões de sigilo, não poderiam compartilhar os endereços eletrônicos dos estudantes.

influenciou a pergunta final do questionário, onde se interroga acerca do nível de dificuldade que o aluno obteve ao responder o formulário somente em português.

Além dos países com diferentes línguas maternas, também foram considerados estudantes dos países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), já que as variantes do português também seriam um objeto de interesse para a pesquisa.

A pesquisa garantiu aos colaboradores completo anonimato. Todos que responderam tiveram sua identidade preservada e as informações colhidas tiveram por finalidade apenas a coleta e divulgação de dados para a presente pesquisa.

3.2 O desafio da língua portuguesa para os estudantes estrangeiros

3.2.1 As perguntas do formulário

A primeira seção do formulário referia-se à identificação do colaborador. Após registrar sua anuência para que os dados coletados fossem utilizados na pesquisa, o colaborador informava sua faixa etária, sua língua materna, o ano em que iniciou seu intercâmbio e de qual curso ele foi aluno. Em sequência, o estudante identificava seu país de origem e seu grau de dificuldade (de 1 a 5) em relação ao aprendizado ou uso do português brasileiro durante seu período na UnB.

Na segunda seção, procurou-se entender a relação que os estudantes possuíam com a língua portuguesa antes de iniciarem o período de mobilidade. A seção iniciava com uma questão para identificar se o contato do intercambista com o português era raro ou frequente antes de sua estadia no país. Seguidamente, foi sondado o uso de ferramentas para o aprendizado da língua e sua utilidade e eficiência para a facilitação do estudo. Finalmente, foi questionado se o fato do Brasil ser um país lusófono teria influenciado a escolha do estudante ao decidir pelo intercâmbio.

A terceira e última sessão objetivou analisar mais profundamente como havia sido a experiência do intercambista já em solo brasileiro. Buscou-se entender a dificuldade inicial com a língua e, posteriormente, a relação do estudante com o idioma no período de resposta do questionário. Também foi analisado se o estudante se considerava fluente em mais de duas línguas e, em caso afirmativo, quais línguas seriam essas. Não foi gerado um critério para a definição de “fluência”, deixando à escolha do participante definir-se fluente ou não através de seus próprios conceitos.

Também foi analisado se o intercambista fez uso de iniciativas da UnB para o aprendizado do português. Em caso afirmativo, remetia-se à outra questão, para entender se tais

ofertas e iniciativas ajudaram com a adaptação da língua local. As seguintes questões perguntavam sobre a oferta de aulas em língua portuguesa, identificando se na maioria das aulas do intercambista o português foi a língua de instrução, posteriormente averiguando o nível de dificuldade inicial que o aluno vivenciou durante as aulas em português.

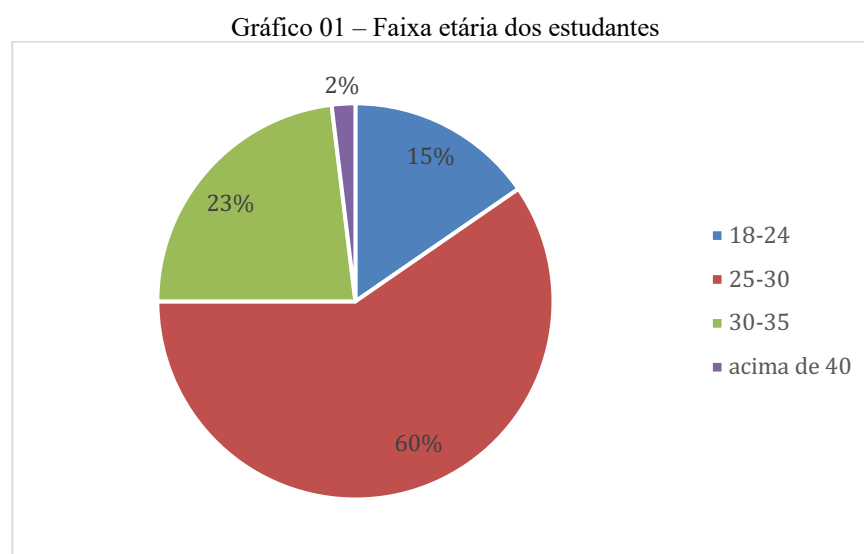
Sucessivamente, as perguntas seguintes destacaram a experiência do intercambista com a oferta de aulas em língua estrangeira, permitindo que o estudante expressasse sua vontade em participar de aulas em outros idiomas. As próximas questões indagavam se o intercambista gostaria que a oferta de aulas em línguas estrangeiras fosse maior e se essa oferta influenciaria de forma positiva no desempenho acadêmico do estudante.

Por fim, as três últimas perguntas do questionário apresentavam um teor diversificado. A antepenúltima questão buscava saber quanto um ambiente multilíngue na universidade contribuiria para o desempenho acadêmico do aluno durante sua estadia. A penúltima solicitava que o estudante expressasse o grau de dificuldade em responder o questionário em português e, em conclusão, o último item foi uma questão aberta para que pudessem sugerir ideias para ajudar na adaptação dos novos intercambistas com a língua portuguesa.

3.2.1 Dados e análise

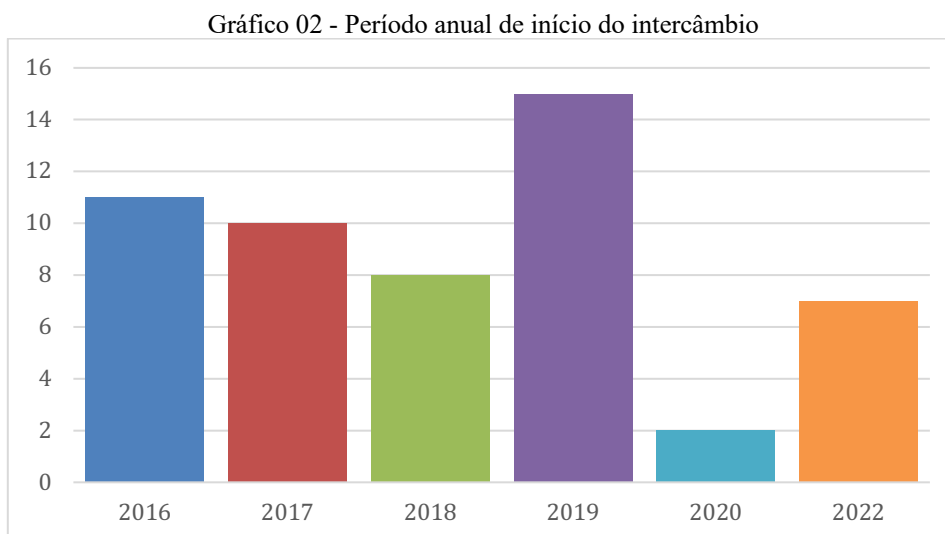
Após vinte e dois dias de divulgação do formulário, obtivemos cinquenta e quatro respostas, como registrado anteriormente.

De acordo com a primeira pergunta, a faixa etária predominante dos estudantes que participaram do formulário foi de 25 a 30 anos de idade (Gráfico 01).



Fonte: Elaborado pela autora

Em relação ao período anual, os colaboradores iniciaram os estudos em datas variadas, porém percebeu-se uma maior concentração de respondentes do ano de 2019 (Gráfico 02).

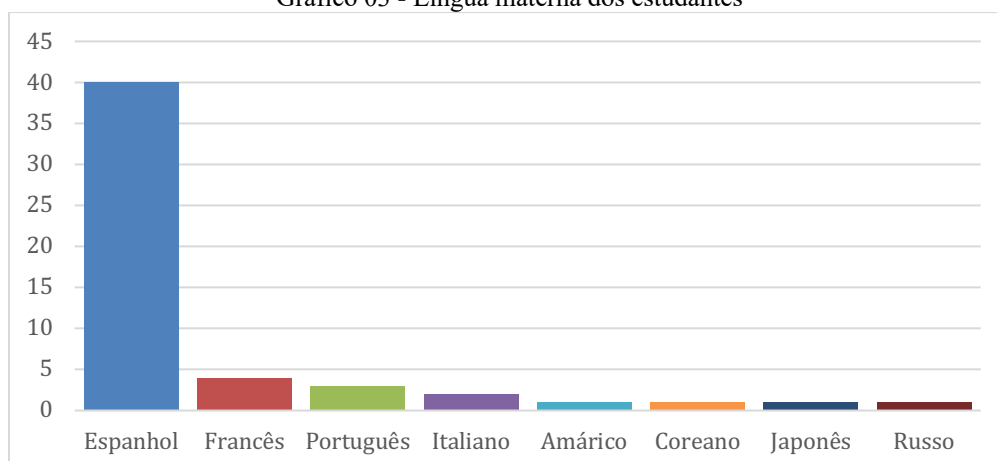


Fonte: Elaborado pela autora

Os anos de 2020 e 2021, prejudicados pela pandemia, foram responsáveis pelo menor número de respostas, com apenas três intercambistas em 2020 e nenhum retorno em 2021. Parece-nos pertinente ressaltar que 21 (vinte-e-um) dos respondentes fizeram seu intercâmbio na UnB há mais de cinco anos (2016 e 2017), o que pode ser interpretado como um indicativo de que a UnB marcou significativamente a formação destes estudantes, que optaram por dedicar tempo a responder o formulário.

Identificou-se também, pela terceira pergunta, que a grande maioria dos respondentes provinha de países cuja língua materna era o espanhol, com aproximadamente 74% do total de respostas. Este dado já era esperado pois os países que mais enviam estudantes para fazer intercâmbio na UnB são os nossos vizinhos na América do Sul. (Gráfico 03).

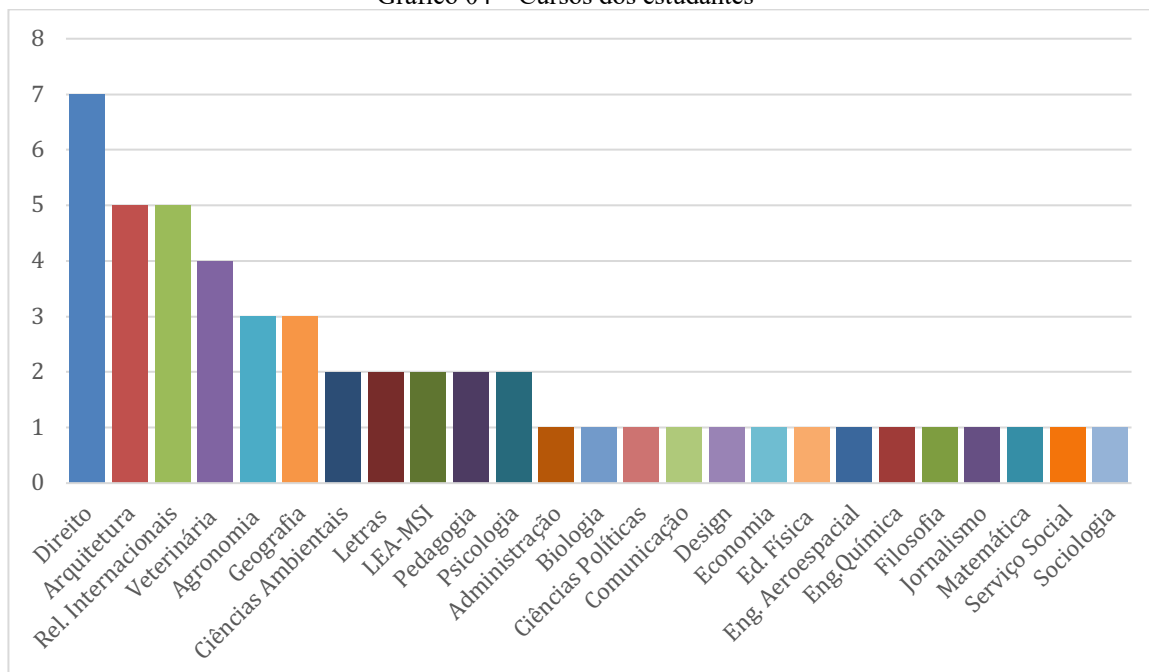
Gráfico 03 - Língua materna dos estudantes



Fonte: Elaborado pela autora

As respostas da quinta pergunta foram variadas, contendo estudantes que cursaram áreas diversas, como Relações Internacionais, Direito, Línguas Estrangeiras, Arquitetura, Veterinária, Agronomia, Ciências Políticas etc. Sendo assim, entende-se que a pesquisa conseguiu abranger uma boa diversidade de cursos, sem se concentrar naqueles que possuem uma ligação com línguas (Gráfico 04).

Gráfico 04 – Cursos dos estudantes

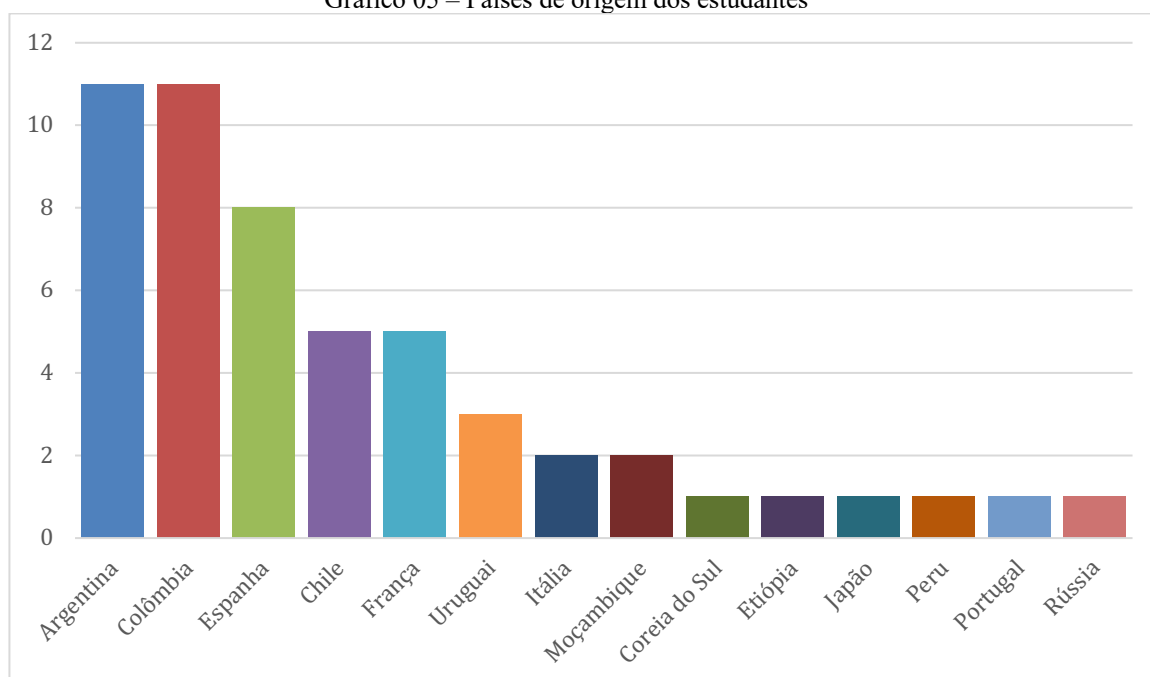


Fonte: Elaborado pela autora

A pergunta 6 teve em sua maioria estudantes provenientes da América, com 59% dos respondentes. A Europa ocupou o segundo lugar, com 31% dos estudantes. O terceiro lugar foi

preenchido pela África, com 6% e o quarto pela Ásia, com 4% do total de estudantes. Dos países americanos, Colômbia, Argentina e Chile foram os mais frequentes. Dos europeus, predominaram os espanhóis, seguidos pelos franceses e depois pelos italianos. Moçambique foi o país africano mais assinalado, acompanhado de uma porcentagem de 67% para outros países que não estavam na lista. Finalmente, da parte asiática, um estudante provinha da Coreia do Sul e um do Japão. Não recebemos respostas de estudantes da Oceania (Gráfico 05).

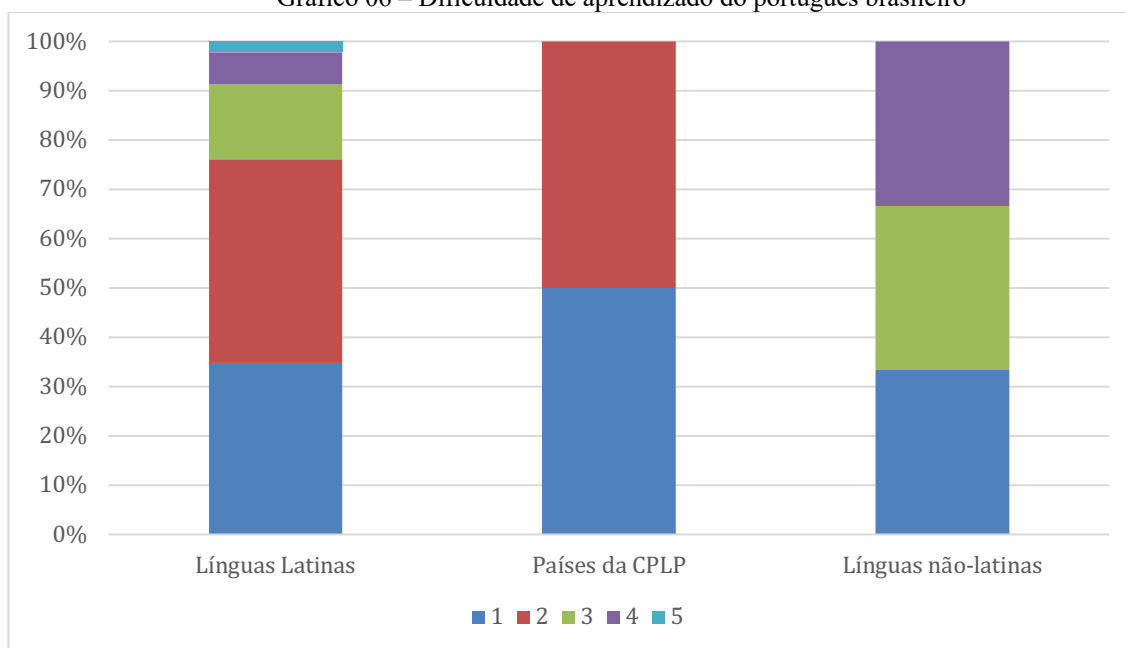
Gráfico 05 – Países de origem dos estudantes



Fonte: Elaborado pela autora

A partir deste ponto, ramificações no formulário nos permitiram agrupar respostas baseado no background linguístico dos respondentes. A pergunta seguinte procurou descobrir o nível de dificuldade que os respondentes vivenciaram com o uso do português brasileiro durante seu período de intercâmbio. A opção de resposta variava entre 1 (um) e 5 (cinco), sendo que 1 era indicativo de nenhuma dificuldade e 5 indicativo de muita dificuldade.

Gráfico 06 – Dificuldade de aprendizado do português brasileiro



Fonte: Elaborado pela autora

Como se pode depreender do Gráfico 6, naturalmente os estudantes provenientes de países da CPLP não tiveram grandes dificuldades com o uso do português. No caso dos falantes de línguas latinas, mais de 70% indicaram nível de dificuldade 1 e 2, também um indicativo de uma tranquila adaptação. Já para quase 70% dos falantes de línguas não-latinas, o nível de dificuldade foi indicado como 3 e 4, médio e médio-alto.

Algumas informações adicionais, involucradas nesta pergunta, merecerem ser particularmente analisadas. Da parte latina, obtivemos apenas uma resposta de nível de alta dificuldade com a língua portuguesa, sendo proveniente de um estudante nativo da Espanha. Já ao considerar os estudantes não-latinos, apenas um respondeu ter pouquíssima dificuldade com o aprendizado de português, sendo este um intercambista russo.

Nessa conjuntura, o intercambista espanhol declarou estar na faixa etária de 30 a 35 anos e ter frequentado a Faculdade de Administração na UnB. Seu contato com a língua portuguesa antes do intercâmbio era ínfimo. Todavia, ao utilizar de ferramentas para o ensino da língua, o intercambista melhorou significativamente seu aprendizado. Sendo assim, ao chegar no Brasil, o estudante já se encontrava habituado com o português e, conseqüentemente, não apresentou grande dificuldade com a adaptação do idioma no período inicial do intercâmbio.

Em harmonia com o mencionado acima, o estudante comunicou que as aulas de português para estrangeiros foram de imensa ajuda durante seu período de intercâmbio e

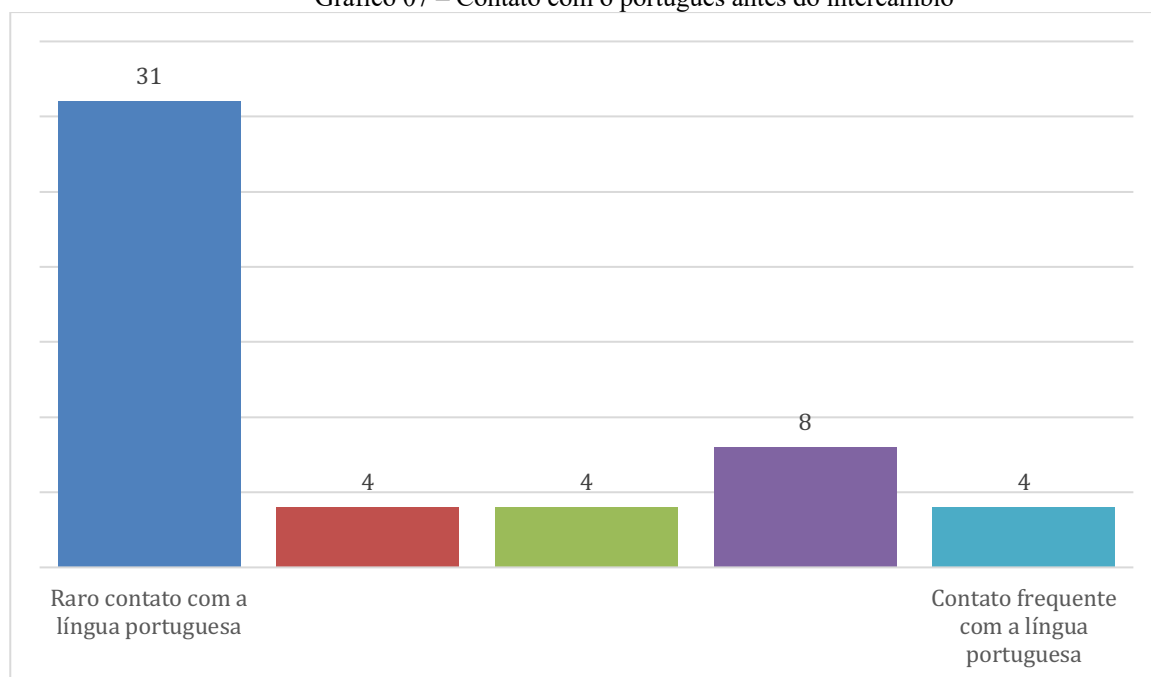
promoveram uma maior inserção do aluno ao idioma. Ao mesmo tempo, no âmbito cultural, sugeriu que os futuros intercambistas pudessem conviver em mais ambientes compartilhados com estudantes brasileiros, pois acredita-se que a convivência dos estrangeiros com os demais não foi inteiramente aproveitada.

Em contrapartida, o intercambista russo apresentou estar na faixa etária de 18 a 24 anos e declarou que seu curso durante a estadia na UnB foi o de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI), conjecturando que sua formação de origem também abrigava o conhecimento de línguas estrangeiras. Ademais, o estudante igualmente declarou que seu contato com o português antes do intercâmbio era assíduo e que frequentou aulas presenciais de língua portuguesa antes de sua chegada, bem como utilizou de vídeos e músicas para introduzir-se na aprendizagem do português.

Isso posto, evidencia-se que a sua diminuta dificuldade para com a língua portuguesa tenha correlação com seu conhecimento prévio de línguas estrangeiras, uma vez que está inserido em um curso de contexto multilíngue e apresenta domínio em russo, inglês e português. Ademais, a sua predileção em realizar a mobilidade internacional em território brasileiro se dá devido à oportunidade de aprimoramento de uma língua já conhecida por parte do intercambista, passível de um efeito de fluência da mesma. Outrossim, por mais que tenha evidenciado sua predileção em aulas ministradas tão somente em português, ainda confessou acreditar que um ambiente multilíngue seria essencial para seu desenvolvimento acadêmico.

Na segunda parte da pesquisa, os estudantes foram instados a indicar como era sua relação com a língua portuguesa antes de iniciarem seus estudos na UnB. Eles também deveriam escolher entre 1, que indicava um raro contato com o idioma, e 5, indicando um contato muito frequente. Quando removemos os dois respondentes originários de países membros da CPLP (que naturalmente marcaram a opção 5), 68,6% dos estudantes indicaram que tinham raríssimo ou raro contato com a língua portuguesa antes de realizar o intercâmbio (Gráfico 07).

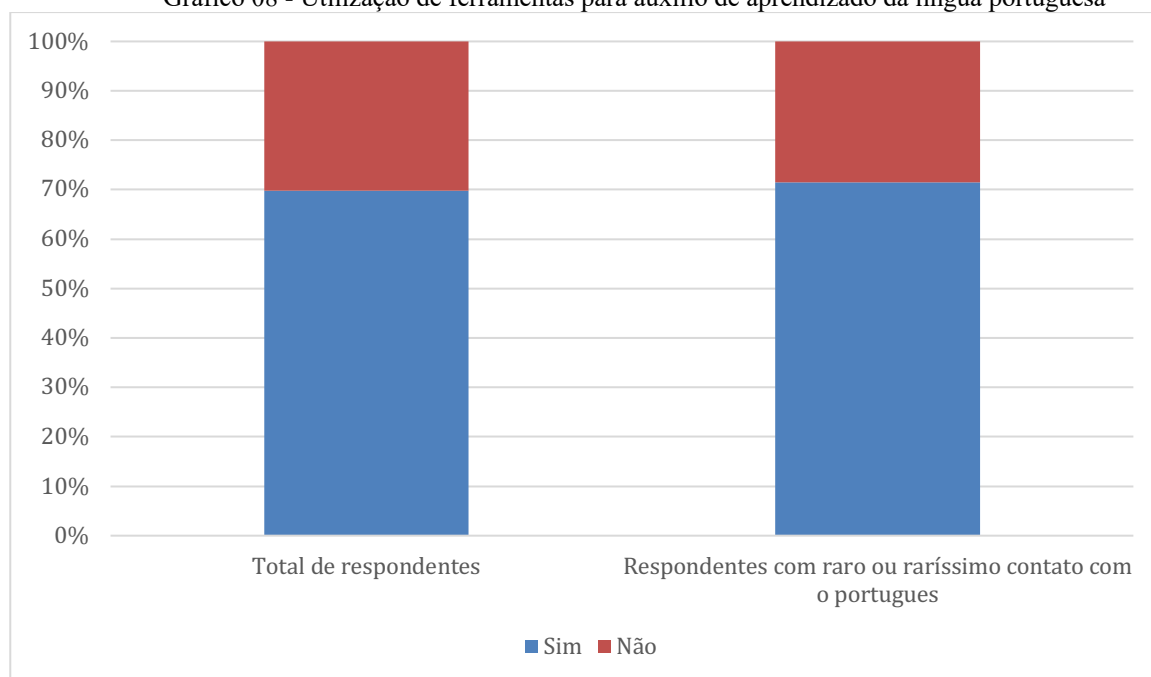
Gráfico 07 – Contato com o português antes do intercâmbio



Fonte: Elaborado pela autora

A pergunta seguinte objetivou descobrir quantos dos respondentes utilizaram alguma ferramenta que auxiliasse o aprendizado do português *antes* de se deslocarem para o Brasil. Do total de participantes da pesquisa, 69,8% (37 respondentes) indicaram que fizeram uso de algum artifício para iniciar o aprendizado do idioma. Se consideramos apenas os respondentes que indicaram ter raríssimos ou raros contatos com a língua portuguesa, o percentual daqueles que buscaram meios de se qualificar um pouco mais aumenta muito pouco, para 71,4% (25 respondentes) (Gráfico 08).

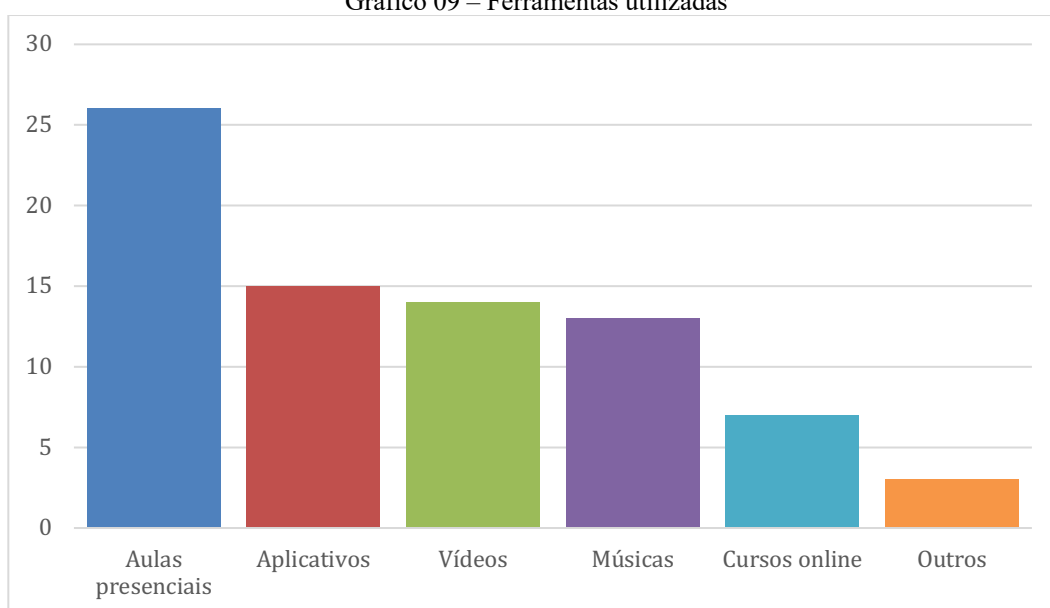
Gráfico 08 - Utilização de ferramentas para auxílio de aprendizado da língua portuguesa



Fonte: Elaborado pela autora

Em relação às ferramentas utilizadas pelos 37 respondentes, a maioria frequentou aulas presenciais de idioma, seguido pelo uso de aplicativos, vídeos e músicas (Gráfico 09). Tal fator parece ser um indicativo de que a sociedade da informação está cada vez mais influente no aprendizado de línguas, propiciando uma maior facilidade em chegar a um ambiente cibernético multilíngue que influencie não somente a Internet, mas todo o espaço cultural envolvido.

Gráfico 09 – Ferramentas utilizadas



Fonte: Elaborado pela autora

Analogamente, foram citadas outras ferramentas utilizadas pelos respondentes, além das opções ilustradas no gráfico. Em conformidade com a expansão da sociedade da informação, encontraram-se respostas de alunos que frequentaram cursos virtuais de língua portuguesa, alternativa que não seria possível sem o acesso ao ciberespaço. Os filmes e séries disponibilizados pelas plataformas de *streaming* também contribuíram para o processo de aprendizado dos intercambistas. Ademais, obteve-se a referência de um aplicativo de ensino de línguas em específico: o Duolingo.

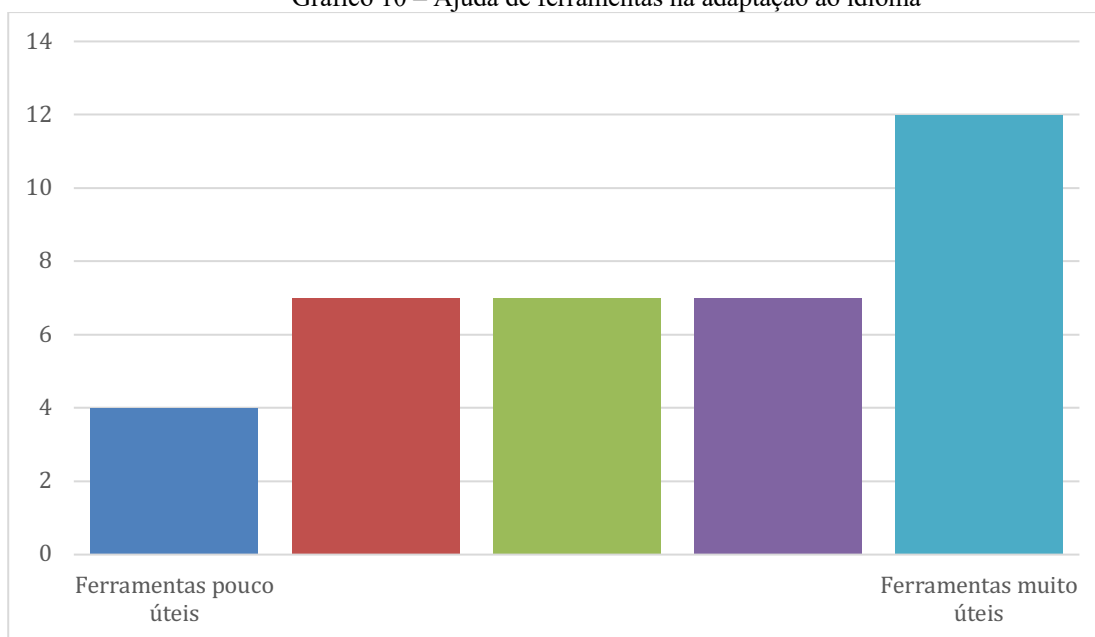
De forma acessível e gratuita, o Duolingo disponibiliza mais de trinta e nove idiomas em sua interface para quem deseje aprender uma nova língua por meio de um aplicativo integrado com inteligência artificial. A plataforma declarou possuir mais de 500 milhões de usuários ao longo do ano de 2021, que passaram mais de 700 milhões de horas estudando pelo sistema.

De acordo com o Relatório de Idiomas realizado pela plataforma em 2020, os americanos estão em primeiro lugar entre os alunos que mais procuram estudar o português. Em segundo lugar está o próprio Brasil, visto que os imigrantes que vivem no país precisam aprimorar o dialeto para facilitar a comunicação com os brasileiros. Destes últimos, uma porcentagem de 27% justifica a busca pelo aprendizado da língua portuguesa devido a motivos acadêmicos.

Sendo assim, entende-se que o acesso à Internet facilitou e tornou acessível o aprendizado de línguas, proporcionando uma opção que vem sendo priorizada cada vez mais pelos estudantes estrangeiros que necessitam aprimorar seus conhecimentos da língua portuguesa para suas estâncias na universidade.

Em relação à avaliação que os respondentes fazem a respeito das ferramentas utilizadas, a grande maioria considerou que foram, de alguma forma, bastante úteis para sua adaptação com o idioma. Quatro respondentes indicaram que as ferramentas não tiveram utilidade alguma e revelaram não optar por uma diversidade entre as mesmas, visto que estes estudantes não buscaram mais de uma opção para o aprendizado da língua. Visto que os quatro estudantes declararam não possuir nenhum contato com o português antes do intercâmbio, os fatores mencionados acima podem representar uma possível falta de interesse em aprender a língua antes de chegar ao país. Cinquenta e um por cento desses estudantes consideraram que essas ferramentas ajudaram profundamente no aprendizado de português (Gráfico 10).

Gráfico 10 – Ajuda de ferramentas na adaptação ao idioma



Fonte: Elaborado pela autora

Ao serem questionados se o fato do Brasil ser um país lusófono² teria influenciado sua escolha pelo local de intercâmbio, 62% dos intercambistas responderam afirmativamente (Gráfico 11).

Ainda assim, dos quatro alunos que, previamente, responderam não obter um auxílio efetivo das ferramentas para o aprendizado de português, três apresentaram ter escolhido o Brasil como país de intercâmbio por motivos que diferem à língua, ou seja, a lusofonia presente no território não foi um componente considerado para sua escolha.

² Por mais que os termos “lusófono” e “lusofonia” estejam presentes no estudo, entendemos que o conceito de lusofonia faz parte de uma macro política de difusão liderada por Portugal, mas que ainda encontra certa rejeição por países de língua portuguesa.

Gráfico 11 – Lusofonia e escolha pelo Brasil como país de intercâmbio



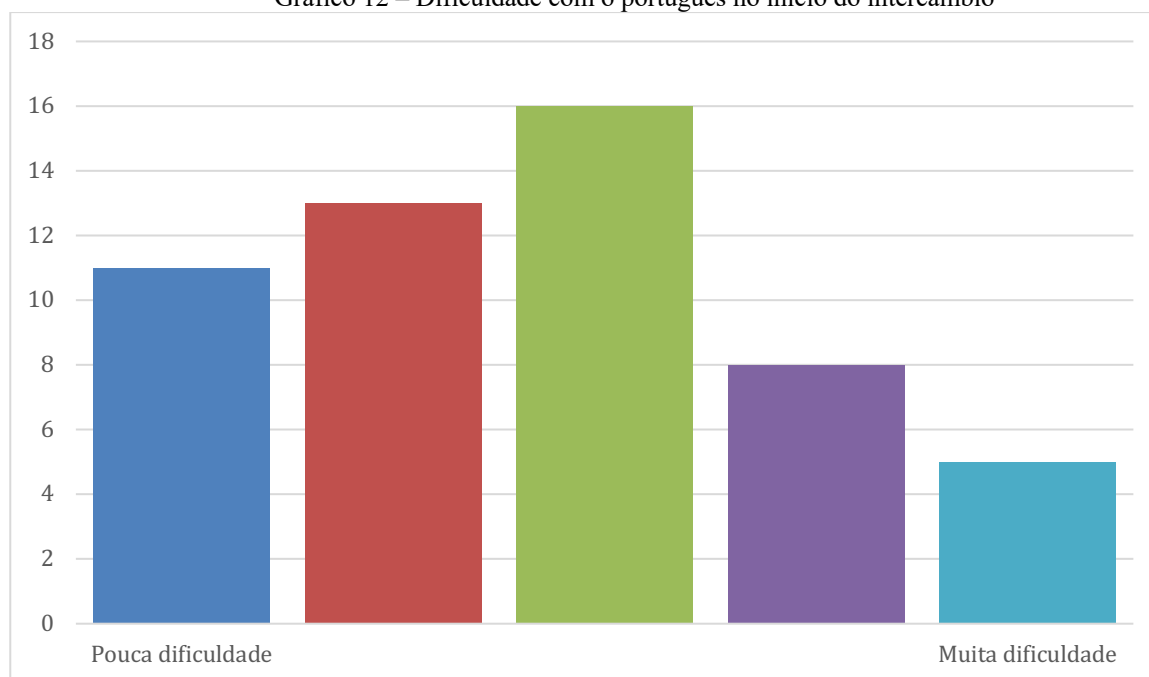
Fonte: Elaborado pela autora

Ao analisar o retorno de parte positiva, percebeu-se que, de trinta e quatro respostas, apenas nove revelaram não ter utilizado de ferramentas para o aprendizado da língua. Porém, dentre os nove, seis indicaram já possuírem um contato frequente com o idioma antes de chegar ao país, justificando a não-utilização dos recursos.

Por outro lado, entre os estudantes que escolheram o Brasil por influência da língua e que utilizaram de ferramentas para maior adaptabilidade ao país, apenas um declarou ter recebido pouco auxílio dos instrumentos de ensino. Em específico, este respondente manifestou considerável dificuldade com a adaptação à língua.

Seguindo para a pergunta seguinte, a maioria dos intercambistas classificou a dificuldade com o português brasileiro no início do intercâmbio como mediana. Porém, 25% desses estudantes considerou uma dificuldade maior (Gráfico 12).

Gráfico 12 – Dificuldade com o português no início do intercâmbio



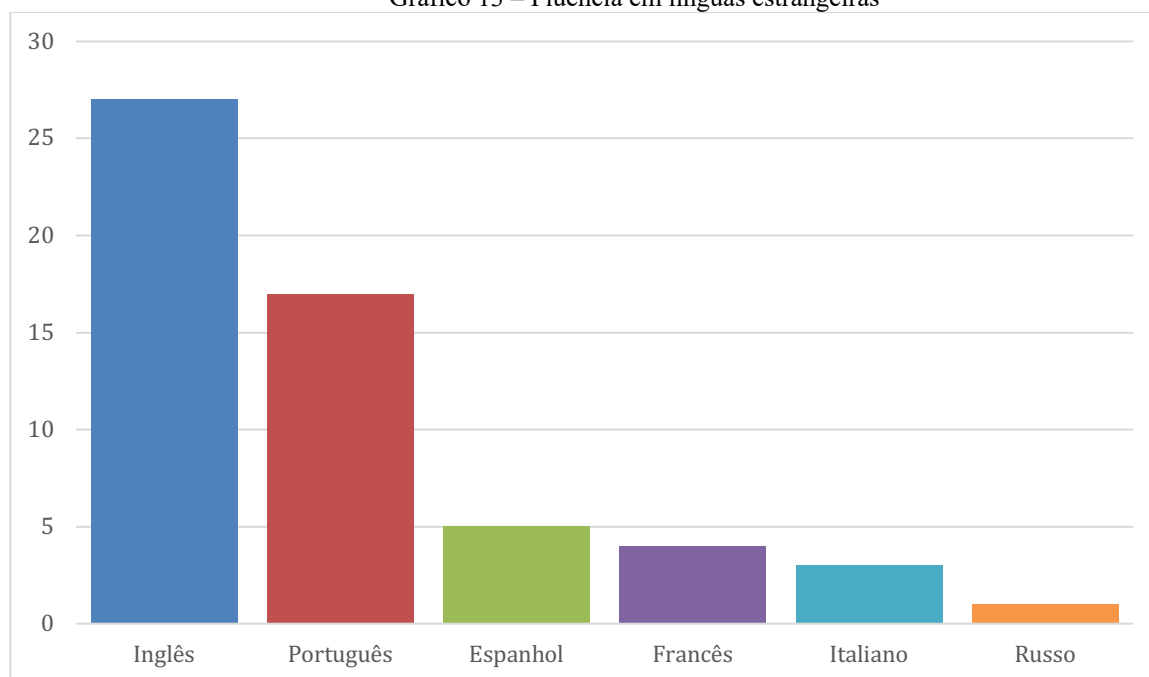
Fonte: Elaborado pela autora

Dos que indicaram dificuldade inicial com a língua, 25% eram nativos de línguas distantes do português. Além disso, apenas um estudante não utilizou de ferramentas para adaptação com a língua antes do intercâmbio. Em contrapartida, 62,5% dos que indicaram uso de algum recurso para aprendizado do português, declararam ter sido de muito auxílio para sua adaptação inicial.

Entretanto, a dificuldade de adaptação desses estudantes também esteve relacionada não somente à língua em si, senão também à cultura brasileira. Declarou-se que, para uma melhor adaptação, seria de interesse dos intercambistas a criação de ambientes que tenham o objetivo de gerar espaços de compartilhamento para se adaptar à cultura e à linguagem do país.

Dando sequência às perguntas, os dados indicam que 81,13% dos respondentes (43 indivíduos) se consideram fluentes em português e 54,72% (29 respondentes) se consideram fluentes em mais de duas línguas estrangeiras. Neste quesito, os dados indicam claramente a relevância de ações de mobilidade para a disseminação da língua portuguesa, uma vez que a segunda língua estrangeira na qual mais respondentes se consideram fluentes é o português, que perde apenas para a língua inglesa, cuja abrangência e alcance são incomparáveis.

Gráfico 13 – Fluência em línguas estrangeiras



Fonte: Elaborado pela autora

As perguntas seguintes, relacionadas às iniciativas da UnB para o aprendizado de línguas, demonstraram que apenas 31 (trinta-e-um) respondentes, o que equivale a 58,49%, fizeram uso das aulas de português como língua estrangeira e outras ações promovidas pela UnB para que melhorassem sua proficiência em língua portuguesa. A avaliação, entretanto, foi positiva, pois 80,65% destes estudantes (25) indicaram que os benefícios de participarem em tais atividades foram consideráveis.

Dos 22 (vinte-e-dois) alunos que não buscaram as aulas de português para estrangeiros, bem como as demais iniciativas ofertadas pela universidade, 3 (três) faziam parte da CPLP, considerando dispensável a utilização das aulas de língua portuguesa. Ainda, 18 (dezoito) eram falantes de línguas latinas, que ponderaram a proximidade das línguas como um fator que os teria ajudado na adaptação com o português. Por último, um estudante de língua distante do português, proveniente da Etiópia, declarou não ter cursado as aulas.

Sendo assim, tornou-se um fator de interesse para a pesquisa conhecer os motivos pelos quais o intercambista etíope teria optado por não participar das iniciativas da UnB de ensino de língua portuguesa, visto que não era um indivíduo acostumado com o português. Este estudante, de língua nativa amárica, cursou Economia no ano de 2016, época anterior à criação do Plano de Internacionalização da UnB. Sendo assim, é possível relacionar o fato de que a UnB ainda não possuía, de forma concreta, as diretrizes que hoje estão apresentadas no PI. Além disso, em

seu estudo, Passos (2017) pontua que o acesso à informação por parte dos intercambistas nesta época era escasso e dificultado pelo fato de não existirem materiais multilíngues suficientes para mediar a adaptação dos intercambistas na UnB.

O estudante ainda declarou não se considerar fluente em português atualmente. Isso deve-se ao fato de que, além de não ter se inserido nas iniciativas para aprendizado da língua, o intercambista foi o único de todas as respostas da pesquisa que comentou ter frequentado aulas majoritariamente em línguas estrangeiras, e não em português. Tal fator claramente dificultou sua inserção cultural e linguística no país.

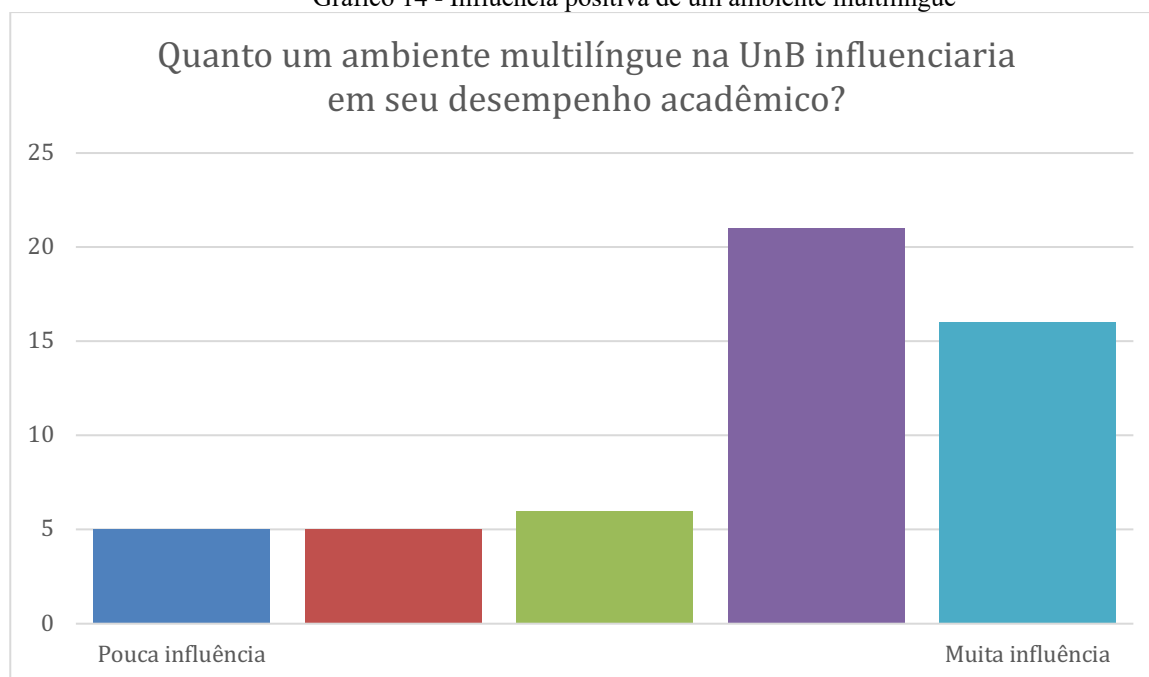
Por conseguinte, apenas dois dos estudantes que não participaram de aulas de português como língua estrangeira e/ou de outras atividades para ampliar a proficiência em nosso idioma não se consideram fluentes na língua. Isto é resultado também do que foi constatado na pergunta seguinte, na qual apenas um respondente indicou que a língua portuguesa não era a língua de instrução utilizada na maioria das disciplinas cursadas.

Apesar desta realidade, apenas 26,41% dos respondentes (14) relataram que não tiveram dificuldade alguma com a língua portuguesa no início do intercâmbio, excluindo-se os membros da CPLP. Este cenário indica que é necessário sensibilizar os intercambistas a respeito da importância de cursar as disciplinas de português como segunda língua e também participar de outras atividades nas quais podem melhorar sua proficiência em português.

A ampliação da oferta de disciplinas em línguas estrangeiras foi defendida por virtualmente metade dos respondentes (26) e todos, de modo unânime, acreditam que a oferta de disciplinas em línguas estrangeiras influenciaria, de modo positivo, no desempenho acadêmico de cada um.

O ambiente multilíngue foi avaliado para 37 dos respondentes (69,81%) como muito importante para o desempenho acadêmico (Gráfico 14). Tal avaliação demonstra a importância da chamada ‘internacionalização em casa’, objetivando transformar a universidade em um ambiente mais acolhedor ao visitante internacional.

Gráfico 14 - Influência positiva de um ambiente multilíngue



Fonte: Elaborado pela autora

A última pergunta fechada buscava evidenciar o grau de conforto dos respondentes com a língua portuguesa com uma pergunta simples e direta: ‘você teve alguma dificuldade em responder a este questionário em língua portuguesa?’. A grande maioria – 50 respondentes – 94,33% - indicaram não ter encontrado problemas para responder às perguntas. Curiosamente, dos 10 respondentes que não se consideram fluentes em português, 9 indicaram não terem experimentado dificuldade alguma em responder ao questionário. Naturalmente o conceito de ‘fluência’ é bastante abrangente, mas pelo menos da habilidade de leitura os respondentes demonstraram domínio.

Por fim, a questão final foi discursiva e, por sua vez, obteve as mais diversas respostas, dentre as quais algumas específicas se destacam por sua relevância ao tema. Ao serem questionados sobre o que eles gostariam de sugerir para auxiliar o aprendizado da língua portuguesa, grande parte dos estudantes reforçou que a frequência e a flexibilidade das aulas de português para estrangeiros deveriam ser maiores.

Além disso, a parte cultural também pareceu influenciar a maioria das respostas, visto que foram sugeridas várias opções para ajudar na adaptação cultural, como a criação de ambientes em que se pudessem compartilhar elementos da cultura e da linguagem brasileira. Os intercambistas também responderam que ter contato com estudantes brasileiros seria de maior contribuição para o aprendizado e para a inserção cultural.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto anteriormente, a internacionalização do ensino superior é cada vez mais incorporada como parte fundamental do panorama acadêmico. Desde a Declaração de Bolonha, os Estados passaram a compreender que o multilinguismo é um objeto valioso para a difusão do conhecimento social, linguístico e cultural entre diferentes nações, sendo manifestado de igual forma no campo acadêmico. Sendo assim, buscou-se contextualizar a cooperação acadêmica internacional e o multilinguismo em um mesmo cenário, explorando a relação entre as Relações Internacionais e as Línguas Estrangeiras Aplicadas, dois campos de estudo inerentemente correlacionados.

Considerando que o objetivo do presente trabalho teve o intuito de denotar um cenário do ponto de vista dos estrangeiros em mobilidade acadêmica na UnB, acreditamos que a pesquisa servirá de inspiração e motivação para uma reorientação de medidas orientadas pelo multilinguismo que fortaleçam ainda mais a internacionalização da nossa universidade.

Em gratidão aos formulários enviados pela Secretaria de Assuntos Internacionais (INT), fez-se possível compreender o impacto da língua portuguesa na vida dos estudantes da UnB, levando em consideração o grau de dificuldade do idioma antes, durante e após a estada no país.

O Plano de Internacionalização já previa uma maioria de estudantes hispano-falantes no número total de alunos internacionais da UnB. Em comum acordo, neste estudo também foi possível perceber um número muito maior de alunos de língua espanhola do que de outros lugares do mundo. Esses alunos também classificaram a dificuldade com a língua portuguesa em um nível baixo, esclarecendo que a proximidade das línguas influencia na predominância de intercambistas hispano-falantes.

Além disso, o PI cita que, além de fortalecer o ensino do português como língua de adoção, a implementação de uma política de ensino de línguas também deve levar em conta a formação de professores e alunos na redação e apresentação de textos científicos em outras línguas. Estruturar a oferta de cursos em outros idiomas mostrou-se essencial ao ponderar as respostas do questionário, já que maioria das aulas da UnB são lecionadas somente em português.

Sendo assim, o estudo buscou entender o quanto um ambiente multilíngue influenciaria no processo de intercâmbio dos estudantes. Por mais que a UnB já ofereça programas exitosos como as aulas de português para estrangeiros, é necessário reforçar o multilinguismo dentro da universidade para que ela seja escolhida por mais intercambistas ao redor do mundo.

Foi sugerido que existam, futuramente, em um novo objetivo diante à internacionalização da UnB, uma maior opção de aulas ofertadas em outras línguas. Na presente pesquisa, receberam-se respostas até mesmo de alunos dos cursos de línguas estrangeiras que declararam que as aulas em outros idiomas não são tão frequentes quanto eles desejariam.

Outrossim, é de extrema importância considerar o ambiente acadêmico multilíngue ao se pensar na internacionalização da universidade, para que discentes e docentes de outras partes do mundo possam ser atendidos. Para sua propagação, a própria cooperação acadêmica internacional também necessita de um ambiente multilíngue que facilite a sua ocorrência.

Em suma, por mais que o multilinguismo esteja diretamente ligado à cooperação internacional e à internacionalização das Instituições de Ensino Superior, o escasso conhecimento científico no âmbito das Línguas Estrangeiras Aplicadas no que concerne ao relacionamento do multilinguismo com a cooperação internacional ainda é um problema. Sendo assim, espera-se que o presente trabalho acadêmico tenha apresentado uma singela contribuição para uma maior compreensão de tais fenômenos e efeitos na Universidade de Brasília.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA BRASILEIRA DE COOPERAÇÃO. **Histórico da Cooperação Técnica Brasileira**. Disponível em:

[http://www.abc.gov.br/cooperacaotecnica/historico#:~:text=O%20in%C3%ADcio%20das%20atividades%20de,o%20Fundo%20Monet%C3%A1rio%20\(FMI\)](http://www.abc.gov.br/cooperacaotecnica/historico#:~:text=O%20in%C3%ADcio%20das%20atividades%20de,o%20Fundo%20Monet%C3%A1rio%20(FMI).). Acesso em: 08 fev. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em:

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 09 fev. 2023.

BRASIL. Dispõe sobre o ensino da língua espanhola.. Lei N° 11.161, de 05 de Agosto de 2005. Brasília, 08 ago. 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111161.htm. Acesso em: 09 fev. 2023.

BIANCHETTI, Lucídio; MAGALHÃES, António M. **Declaração de Bolonha e internacionalização da educação superior: protagonismo dos reitores e autonomia universitária em questão**. Avaliação, Campinas, v. 20, n. 1, p. 1-26, mar. 2015. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/Mh7GJ6rcMygV53md3Pf4RgJ/?lang=pt>. Acesso em: 09 fev. 2023.

CHAVES, Leslie; SANTOS, João Vitor. Políticas linguísticas: forma totalitária de imposição de regras e interesses. **Revista do Instituto Humanita Unisinos**, São Leopoldo, v. 467, n. 1, p. 1-1, jun. 2015. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5989-xoan-lagares>. Acesso em: 09 fev. 2023.

CRUVINEL, Virmondés. **Obrigatoriedade do ensino de inglês e espanhol em escolas é aprovada em 1ª votação**. 2021. Elaborada pela Agência Assembleia de Notícias. Disponível em: <https://portal.al.go.leg.br/noticias/116672/obrigatoriedade-do-ensino-de-ingles-e-espanhol-em-escolas-e-aprovada-em-1-votacao>. Acesso em: 09 fev. 2023.

DECLARAÇÃO DE BOLONHA. 1999. Disponível em: http://www.abc.org.br/wp-content/uploads/2009/09/www.ufabc_edu_br_images_stories_pdfs_declaracaodebolonhaportugues.pdf. Acesso em: 08 fev. 2023.

GORMAN, Daniel. Introduction. In: GORMAN, Daniel. **International Cooperation in the Early Twentieth Century**. London: Bloomsbury Academic, 2017. p. 1-14. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5040/9781474204507-008>. Acesso em: 08 fev. 2023.

LOUBACK, Rita de Cassia Barbosa. **A Cooperação Acadêmica Internacional Sob a Ótica dos Gestores**. 2016. 158 f. Tese (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2016. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/RelInternac_LoubackRC_1.pdf. Acesso em: 09 fev. 2023.

MULTILINGUISMO. In: MICHAELIS, Dicionário Online Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/multilinguismo/>. Acesso em: 09 fev. 2023.

MULTILINGUAL. In: Cambridge Dictionary. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/multilingual>. Acesso em: 09 fev. 2023.

MULTILINGÜISMO. In: DLE RAE, Diccionario de la lengua española. Disponível em: <https://dle.rae.es/multiling%C3%BCismo>. Acesso em: 09 fev. 2023.

MULTILINGUISME. In: DICIO EN LIGNE, Le Robert. Disponível em: <https://dictionnaire.lerobert.com/definition/multilinguisme>. Acesso em: 09 fev. 2023.

PASSOS, Rafaela Lopes. **Um aplicativo multilíngue voltado a estrangeiros em intercâmbio na Universidade de Brasília**. 2017. 81 f. TCC (Graduação) - Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas Ao Multilinguismo e À Sociedade da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/18711>. Acesso em: 08 fev. 2023.

SATO, Eiiti. Cooperação internacional: uma componente essencial das relações internacionais. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 46-57, mar. 2010. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/698>. Acesso em: 08 fev. 2023.

SEBASTIÁN, Jesus. **Oportunidades e iniciativas para la cooperación ibero-americana em educación superior**. Revista Ibero Americana de Educación, n. 28, p.197-232, enero./abr.2002. Disponível em: <https://digital.csic.es/handle/10261/12175>. Acesso em: 09 fev. 2023.

TUCKER, Richard. A Global Perspective on Bilingualism and Bilingual Education. **Eric Clearinghouse On Languages And Linguistics**, Washington, v. 1, n. 1, p. 1-8, ago. 1999.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Plano de Internacionalização da Universidade de Brasília 2018-2022**. Brasília. UnB. 2018.

VALDÉS, Guadalupe. **Multilingualism**. Disponível em: <https://www.linguisticsociety.org/resource/multilingualism>. Acesso em: 09 fev. 2023.

VILLELA, Jorge Antônio. **Internacionalização do ensino superior**: um estudo de caso na universidade de Brasília. 18. ed. Brasília: Coloquio Internacional de Gestión Universitaria,

2018. 16 p. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32976>. Acesso em: 09 fev. 2023.

🕒 **30 minutos**

Intercâmbio na Universidade de Brasília



Este formulário tem por finalidade a coleta de dados (que serão armazenados e/ou divulgados **preservando o anonimato**) sobre o intercâmbio de alunos estrangeiros de graduação na Universidade de Brasília.

Agradeço muito sua participação, que é essencial para minha pesquisa.

Ana Luísa Neiva da Natividade - LEA-MSI - UnB

* Obrigatória

Seção 1 - Identificação

1. Este formulário tem por finalidade a coleta de dados para pesquisa. As informações colhidas serão armazenadas e/ou divulgadas preservando o anonimato de todos os envolvidos. *

Estou ciente e de acordo em prosseguir com o preenchimento do formulário,

2. Qual é sua faixa etária? *

18-24

25-30

30-35

35-40

acima de 40

3. Qual é sua língua materna? *

- Alemão
- Chinês
- Coreano
- Espanhol
- Francês
- Inglês
- Italiano
- Japonês
- Português
- Russo
- Outra

4. Em que período você iniciou seu intercâmbio? *

- 2016
- 2017
- 2018
- 2019
- 2020
- 2021
- 2022
- Outra

5. Qual curso você frequenta/frequentou durante sua estadia na UnB? *

6. Qual é seu continente de origem? *

- América
- África
- Europa
- Ásia
- Oceania

7. Qual é seu país de origem? (AMÉRICAS) *

- Argentina
- Bolívia
- Chile
- Colômbia
- Costa Rica
- Estados Unidos
- México
- Peru
- Suriname
- Uruguai
- Outra

8. Considerando a proximidade das línguas latinas, quão difícil foi seu aprendizado da língua portuguesa?

Pouco      Muito

9. Qual é seu país de origem? (ÁFRICA) *

- Cabo Verde
- Gana
- Moçambique
- Nigéria
- Outra

10. Considerando que o seu país de origem é um Estado-Membro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), quão difícil foi a sua adaptação ao português brasileiro? *

Pouco      Muito

11. Qual é seu país de origem? (EUROPA) *

- Albânia
- Alemanha
- Áustria
- Bélgica
- Espanha
- Finlândia
- França
- Grécia
- Itália
- Países Baixos
- Polônia
- Reino Unido
- República Tcheca
- Rússia
- San Marino
- Outra

12. Qual é seu país de origem? (ÁSIA) *

- China
- Coreia do Sul
- Japão
- Rússia
- Taiwan
- Outra

13. Qual é seu país de origem? (OCEANIA) *

- Austrália
- Nova Zelândia
- Outra

14. Tendo em vista a distância entre sua língua materna e o português, quão difícil foi seu aprendizado da língua portuguesa?

Pouco Muito

Seção 2 - Experiência

15. Antes de chegar à UnB, como era seu contato com a língua portuguesa no cotidiano? *

Raro Muito Frequente

16. Você utilizou alguma ferramenta que auxiliasse o aprendizado de português antes de chegar ao Brasil (aulas, aplicativos, vídeos na Internet, etc.)? *

Sim

Não

17. Quais ferramentas você utilizou? *

Aulas presenciais

Cursos online

Vídeos

Aplicativos

Músicas

Outra

18. Em uma classificação de 1 a 5, quanto essas ferramentas prévias te ajudaram com a adaptação à língua portuguesa na chegada à UnB? *

Pouco Muito

19. O fato de o Brasil ser um país lusófono (em que o Português é a língua oficial) influenciou na sua escolha para realizar o intercâmbio? *

Sim

Não

Seção 3 - Intercâmbio

20. Quão difícil foi sua experiência com o português brasileiro no início do intercâmbio? *

Pouco      Muito

21. Atualmente você se considera uma pessoa fluente em português? *

Sim

Não

22. Você se considera fluente em mais de duas línguas? *

Sim

Não

23. Em quais línguas você se considera fluente? *

- Alemão
- Chinês
- Coreano
- Espanhol
- Francês
- Inglês
- Italiano
- Japonês
- Português
- Russo
- Outra

24. Você cursou aulas de "Português para Estrangeiros" ou participou de outras iniciativas na UnB para o aprendizado de português? *

- Sim
- Não

25. As ofertas e demais iniciativas da UnB para o aprendizado de língua portuguesa te ajudaram a se adaptar com a língua local? *

- Sim
- Não

26. A maioria das suas aulas na UnB foi ofertada em língua portuguesa? *

Sim

Não

27. Inicialmente, você teve dificuldade nas aulas lecionadas em português? *

Sim

Um pouco

Não

28. Você gostaria que a oferta de aulas em línguas estrangeiras fosse maior? *

Sim

Não

29. Você acredita que a maior oferta de aulas em línguas estrangeiras influenciaria, de forma positiva, no seu desempenho acadêmico? *

Sim

Não

30. De 1 a 5, quanto um ambiente multilíngue na Universidade influenciaria no seu desempenho acadêmico? *

Pouco Muito

31. Você teve dificuldade em responder este questionário em língua portuguesa? *

Nenhuma dificuldade      Muita dificuldade

32. Você gostaria de sugerir algo para ajudar na adaptação de novos intercambistas com a língua portuguesa?

Este conteúdo não é criado nem endossado pela Microsoft. Os dados que você enviar serão enviados ao proprietário do formulário.

 Microsoft Forms